

A VINGANÇA DA LÍRICA

Textos de Ana Chiara/imagens Artur de Vargas Giorgi



Pulmões

Poeta lírico respira no espelho
O ar de seus pulmões
não brilha, embaça...

hérnia de hiato

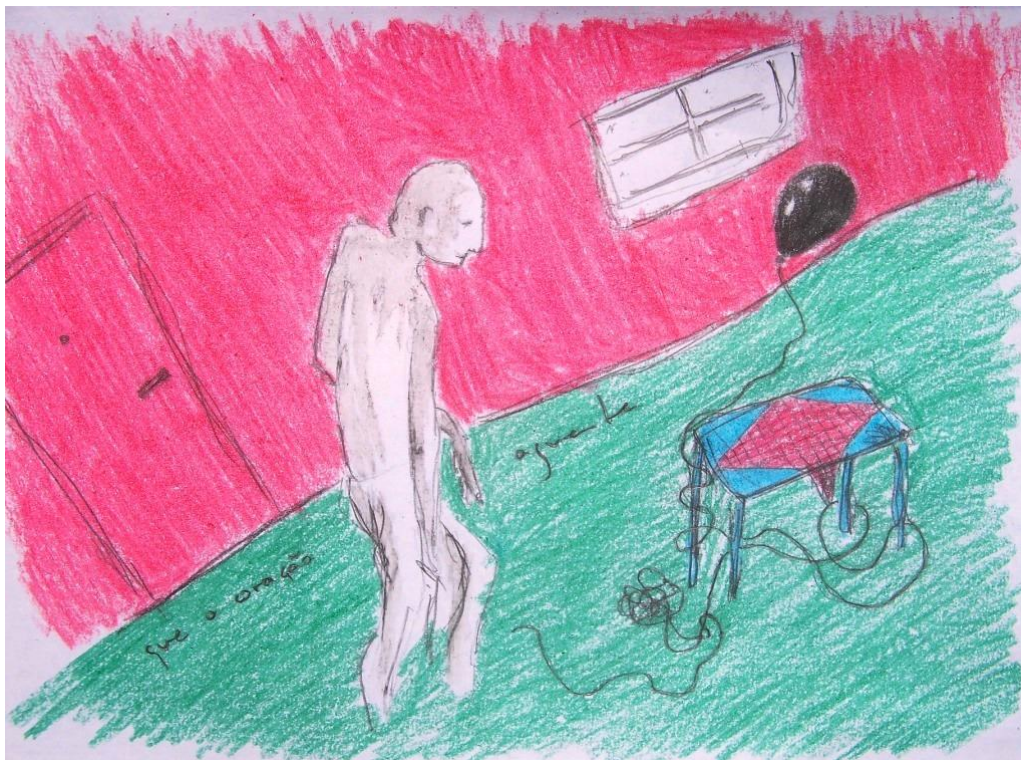
Passou da hora,
o poeta engoliu a lírica
agora vomita, baba,
bílis, blá, blá, blá.



hipocentauro pistoleiro

Como se disso o mundo dependesse,
O poeta lírico pensa cavalgar
o hipocentauro da poesis
*“qualcuno è un romântico irreversibile:
la cibernetica non cambierà la sua mente”*¹

1 Versos de Murilo Mendes



Sublinguae

Isordil
não acalma
o coração taquicárdico do poeta,
inseparável do grande lamento
ele se sente *um pequenino Deus* ²

2 Verso de Vicente Huidrobo

emblemas

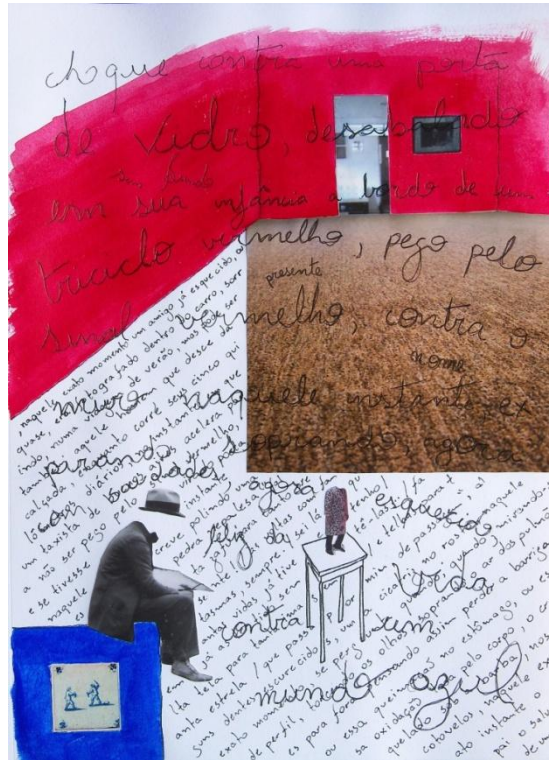
Presas à cosmética
da elegia,
da queixa, da gueixa,
máscara com cílios postiços:
a língua do poeta.

D. Lírica responde (cena do drama poético)

Trouxeste a chave, Cavaleiro da Triste Figura?

Sim, ele se apressa a responder, cãozinho amestrado
estende a pata....

— Lamento, mas está enferrujada
sua máquina de fazer versos grimpou,
superficial e pesada...



poeta coveiro

Sobre o feltro verde,
 o poeta coveiro enterra a poesia.
 dispondo cartas sem ver
 a canastra real - o logro invencível -
 dele o eu, terreno do artifício,
 desequilibra o reverso da palavra
 vida.

Dois de paus ali parado, poeta boiteaux,
 fala com deuses cansados
 enquanto tudo morre a sua volta.

Zanga

Dona Lírica irritada

Diz ao poeta:

*Vc me exasperou, me exasperou...*³

*“Joelha e me peça perdão,
joelha”*



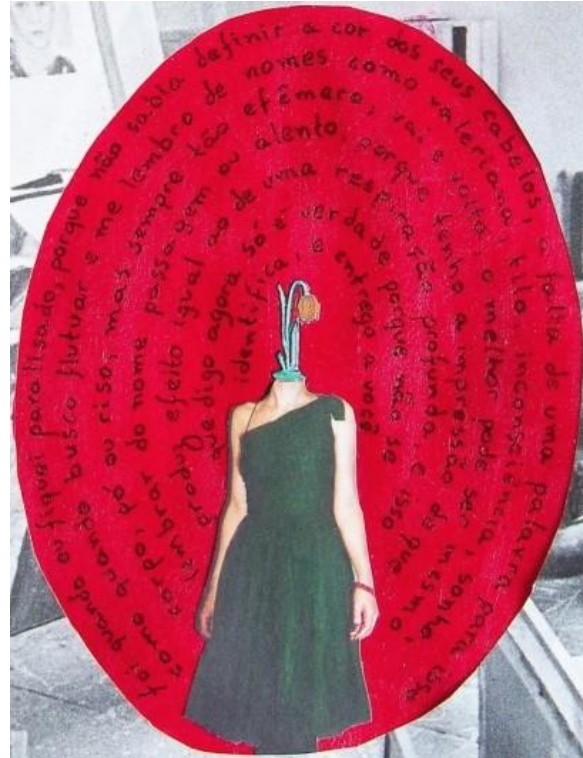
A Vingança da Lírica

Patos voam no verso de um fantasma.
Raízes soltaram-se do solo.
Pulso, punho, soco no estômago.

Mallarmé, o afogado,
rompeu o pacto do poeta lírico.
O verso *pur si muove*...

Ao longe um leque farfalha
música dos espaços infinitos.
nos confins do eu, teatro mambembe.

Exílio
êxodo de si
esqueleto esvaziado
sopro interrompido...
No céu da boca da linguagem, céu da poesia.
o chocalhar dos ossos,
sacrílegos dados,
um tombo,
um túmulo
insânia exangüe,
O resto é o silêncio
do poeta morto...



A ostra tentadora

Desde Mallarmé inaugurava-se
a Lírica sem poeta.

Motor louco

ostra absoluta

puro acaso

barco bêbado

a verdadeira vida ausente,

infraléve e perturbadora

vontade transtornada

assombro

ímã, romã

errática, enigmática

apnêica,

fruto da terra

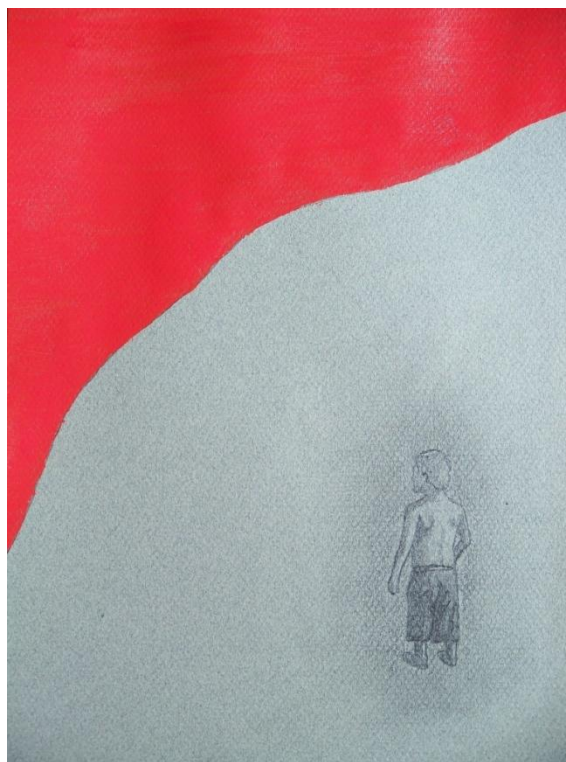
estrela de pontas agudas

morte do símbolo
soltura do imaginário
dança
de beija-flor...
jubilação nua
livre de toda amargura
khôra, buraco vago
onde se dissolve a realidade
o sexo
o nexo.
Três vezes vencedora
ergue-se a Lírica soberana sobre o corpo do morto.

APENSO

a máquina à revelia, novíssima
qual prometeu acorrentado
no nada.
enquanto isso uma sombra se
move, grave, entre
triste e lutadora
quer colar-se
a esse buraco
no centro do colar.
não
cala.

(artur de vargas giorgi)



ninguém concentrado em mim

desenraizo, vou até ali
solta, voo sem asas,
os emblemas vazios, poesia
pouca, marco avançado
do que não faz diferença.

(ana chiara)